

# Re-escritas, escritas expandidas e escritas cinematográficas

---

Sebastian Wiedemann - Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê

---

A partir da apresentação e desdobramento do processo criativo do projeto expandido Ondas (<http://wavesproject.tumblr.com/>), composto por um filme, um ensaio poético-filosófico e um arquivo digital, se almejou pensar as possibilidades de um *cinema da imanência* que excede e transborda meios. Um cinema que rejeita fixações a um meio e pelo contrário pede passagem entre meios. Um cinema que se manifesta entre filme e papel, que clama um devir do cinema pelas mais diversas grafias. Um cinema que se faz por entre muitas escritas e re-escritas. A potência do cinema não repousa no suporte, e sim no intervalo que se cava entre imagens como germe para o pensamento. Falar de cinema e falar de relação entre imagens, do intervalo que se instaura entre estas e que como duração movem o pensamento. Todo um pôr em relação que pode passar pela câmera e o filme, mas não só; que pode ser sonoro e visual, mas não só; pois antes de tudo uma imagem é um processo vital de diferenciação. Dalí que o cinema como condição vital que faz do mundo um cinematógrafo cósmico incomensurável, seja algo que não só lhe compete aos cineastas mas a qualquer-um. Esta oficina se propôs experimentar como esse qualquer-um pode fazer cinema, pode fazer proliferar o cinema por entre escritas outras diferentes as do filmar e editar convencional, pode fazer cinema por outros meios. Neste escrever e re-escrever como construtivismo radical as noções de Devoção, Difração e Adivinhação foram nossas aliadas.

## Variação devocional I:

Sair da fixidez de um meio é fazer com que os fluxos vitais e energéticos não se deixem capturar pelas sobrecodificações que um meio determinado impõe. Habitar o papel não pode ser um ato inocente e desprovido de preparo, habitá-lo é um gesto de alto risco que demanda estratégias ou técnicas muito precisas e eficazes. Assim que antes de entrar nele, por que não tentar habitar um meio cujas tendências analógicas e transdutivas nos jogam em terrenos e grafias menos conhecidas? Por que não fazer algumas anotações LEGOgráficas preliminares, onde o sentido é vacilante e constantemente desfigurado? Um se animar a fazer/escrever cinema com e no LEGO como gesto difrativo.

## Variação devocional II:

Avançar em terras desconhecidas, sair do projeto Ondas como caso já bastante ruminado e se aventurar em outras audio-visualidades tão desfiguradoras e corpóreas como o acto de

LEGOgrafar. Deixar-se violentar pelas intensidades do filme “Sleep has her house” de Scott Barley e então se perguntar: Como continuar? Desta vez sem recuos se abismar no papel. Um abismar que encontra na adivinhação uma maneira de esquivar os clichês e se abrir aos sistemas complexos não-lineares que fazem às ecologias de imagens como processos de diferenciação. Um efetivo se abrir a relações impensadas. Sem importar o meio, seja este filme ou papel, seja pela montagem de visualidades e sonoridades ou de palavras, as conexões e relações devem continuar sendo imprevisíveis. Depois de tudo um cinema da imanência indiferente de seu meio momentâneo tem que se perguntar pelo infinito, por como abrir infinitos no finito ilimitado da matéria. Dali que se torne relevante se aliar à adivinhação, não como processo que diz do futuro mas que mantém o futuro aberto, que mantém a imagem e o pensamento como possibilidade de futuro, de porvir. Um proliferar que se diz devocional, pois nutre e multiplica os processos de diferenciação da vida.

---

#### FICHA TÉCNICA

Palestra e oficina: Sebastian Wiedemann

Organização do evento: Susana Dias

Fotos: Erica Araium, Glauco Roberto, Susana Dias

Concepção e montagem postais: Susana Dias

Textos postais: Carolina Scartezini, Érica Araium, Irêo Lima, Giovana Spoladore Amaral, Maria Rita Salzano Moraes, Mirlley Neves, Rodrigo Reis Rodrigues, Sara Melo, Tânia Campos.

Data: 21/03

Local: Labjor-Unicamp

---

Esta atividade fez parte da proposta da disciplina “Arte, ciência e tecnologia” - MDCC-Labjor-IEL-Unicamp primeiro semestre de 2018

Disciplina: JC012 Arte, ciência e tecnologia

Professora Dra. Susana Dias

Nesta disciplina experimentaremos as florestas como parceiras de pensamento e escrita, ou seja, a transformação das florestas em material de pensamento e escrita. Um pensar e escrever (seja por imagens, palavras, sons, tintas, corpos...) que busca se afetar pelos não-humanos - uma ênfase muito importante hoje dos estudos de ciência e tecnologia, nos estudos multiespécies, nas chamadas linhas de pensamento pós-humanistas. Trata-se de ganhar intimidade com as florestas, conviver com as coisas, seres, mundos e correr o risco de ser devorado por eles. Co-evoluir perto-dentro-junto às florestas, em que nada está só e tudo se converte numa complexidade viva, numa multirelacionalidade em constante transmutação.

---

Talvez assim, acordar uma divulgação científica e cultural que prefere não falar sobre as florestas, mas antes propor-se como encontro com as potências-florestas. Pois que seria menos pensar em comunicar florestas já dadas, e mais um entrar em comunicação com florestas que estão (e precisam estar) em constante formação e movimento. Quem sabe, deste modo, nos tornemos dignos de que as florestas entrem em comunicação conosco, nos tornemos dignos de que elas proliferem por textos, fotografias, pinturas, esculturas, criações sonoras etc., em novas e originais emoções, em novos modos de existir e afetar. A disciplina será dividida em três blocos: 1. Da intimidade com os materiais; 2. Do aprender a pensar com a Terra; 3. Da atenção e re-ligação com múltiplos modos de existência. Em cada bloco estão propostas leituras e encontros com práticas singulares de distintos ofícios (cineasta, escultor, cientista, babalorixá e ialorixá), pois nos interessam as artes, ciências e tecnologias - com minúsculas e no plural - envolvidas em um *fazer*. Trata-se de um enfoque *mesopolítico* (Stengers) em que o foco não são as abstrações e idealizações, mas as técnicas, procedimentos e materiais. Por isso as leituras serão experimentadas nas aulas não apenas através de uma conversa/debate, mas por meio da invenção de passagens incessantes entre o ler-falar-escrever-desenhar-pintar etc. durante a criação coletiva de composições sensíveis. Uma aposta na necessidade de colocarmos o corpo para pensar e escrever, de *fazer corpo* com as coisas-seres-mundos. Uma aposta que levamos a sério em nosso grupo de pesquisa multiTÃO, no ateliê Orssarara e na revista *ClimaCom*. Uma aposta de quem trabalha com comunicação-divulgação para quem só faz sentido uma ideia de leitura ligada à escrita (ler é escrever), assim como uma ideia de escrita expandida, que passa não apenas pelas palavras, mas pelos mais diversos materiais e procedimentos, pelos mais diversos problemas.

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Projetos:

- Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9)
- “Por uma nova ecologia das emissões e disseminações: como a comunicação pode modular a mais intensa potência de existir do humano diante das mudanças climáticas?” (CNPq).
- “Imediações aberrantes: processos de pesquisa-criação entre artes, ciências e filosofia para experimentação da comunicação como ecologia de afetos” (Pibic-Faepex)
- Revista *ClimaCom*: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>



SEBASTIAN WIEDEMANN

# RE-ESCRITAS, ESCRITAS EXPANDIDAS E ESCRITAS CINEMATOGRAFICAS

PARTE I - APRESENTAÇÃO DO PROJETO EXPANDIDO "ONDAS"

9 ÀS 12 21/03/2018  
NO LABJOR-UNICAMP

INSCRIÇÕES LIMITADAS POR EMAIL: SUSANA@UNICAMP.BR

PROMOÇÃO: DISCIPLINA "ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA" DO Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR-IEL-UNICAMP | GRUPO MULTITÃO (CNPQ) | REVISTA CLIMACOM -



SEBASTIAN WIEDEMANN

PARTE II - PROJEÇÃO DO FILME "SLEEP HAS HER HOUSE" DE SCOTT BARLEY (90MIN) E OFICINA DE ESCRITA CINEMATOGRAFICA

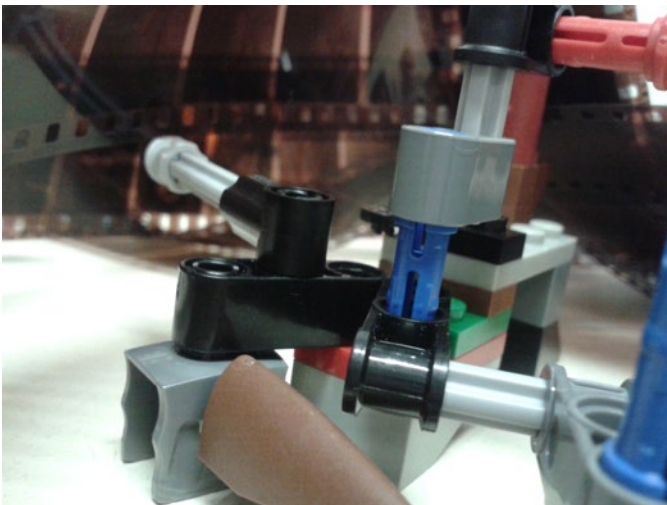
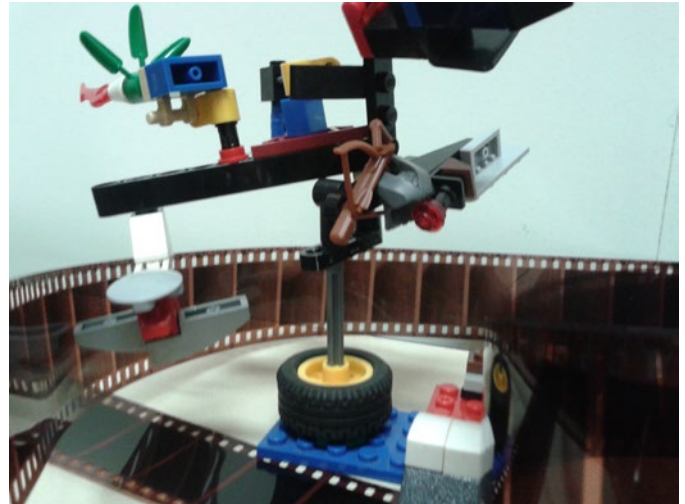
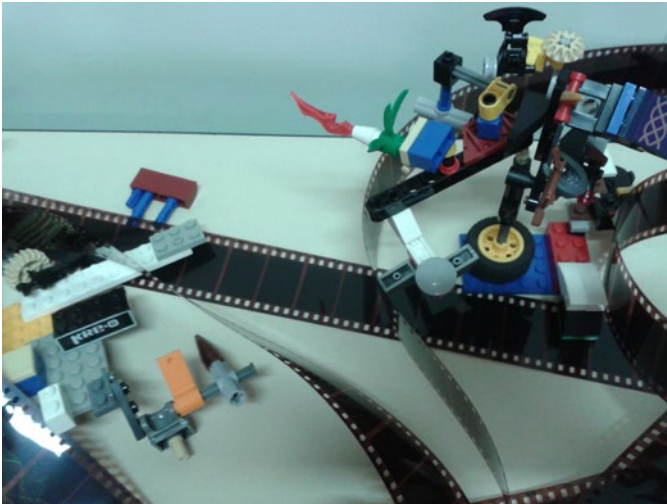
14 ÀS 17 21/03/2018  
NO LABJOR-UNICAMP

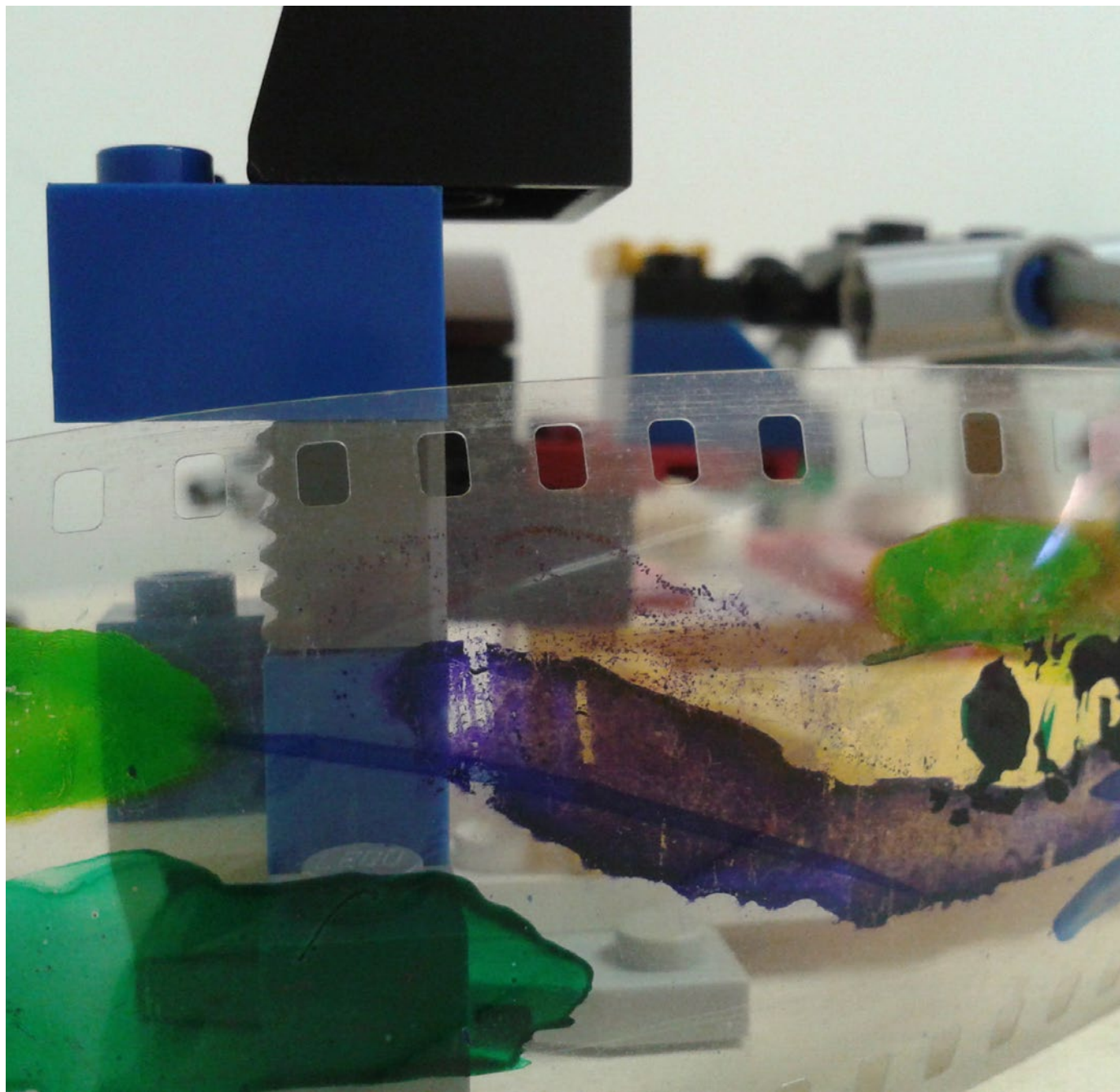
INSCRIÇÕES LIMITADAS POR EMAIL: SUSANA@UNICAMP.BR

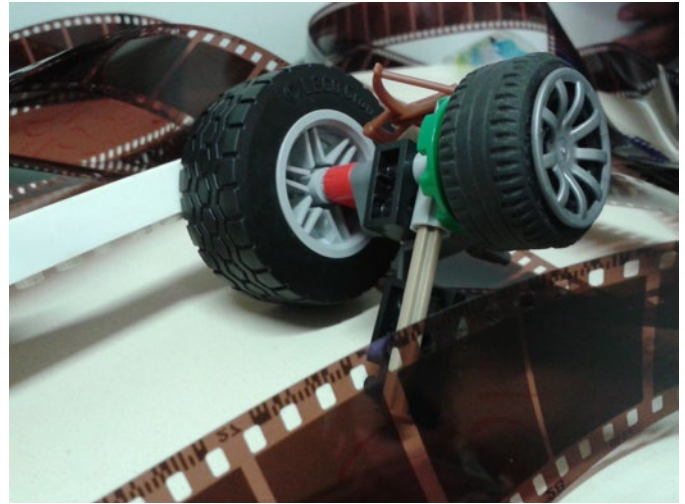
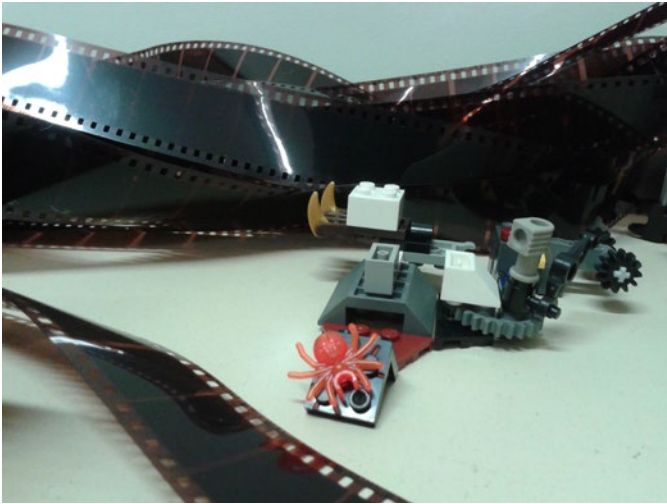
PROMOÇÃO: DISCIPLINA "ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA" DO Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR-IEL-UNICAMP | GRUPO MULTITÃO (CNPQ) | REVISTA CLIMACOM -



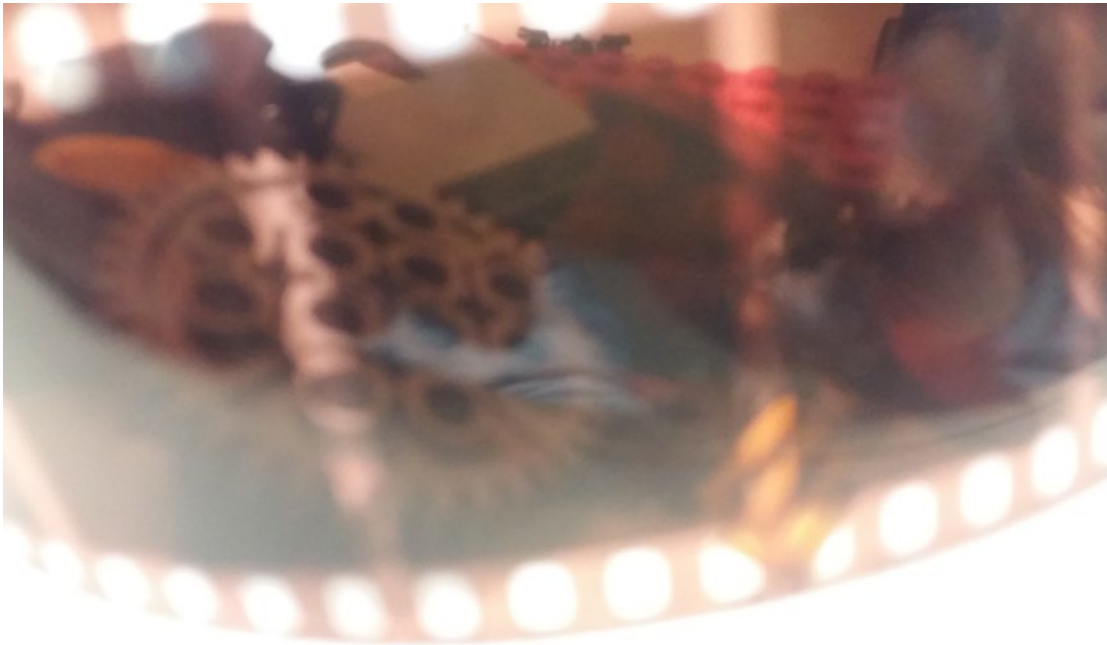


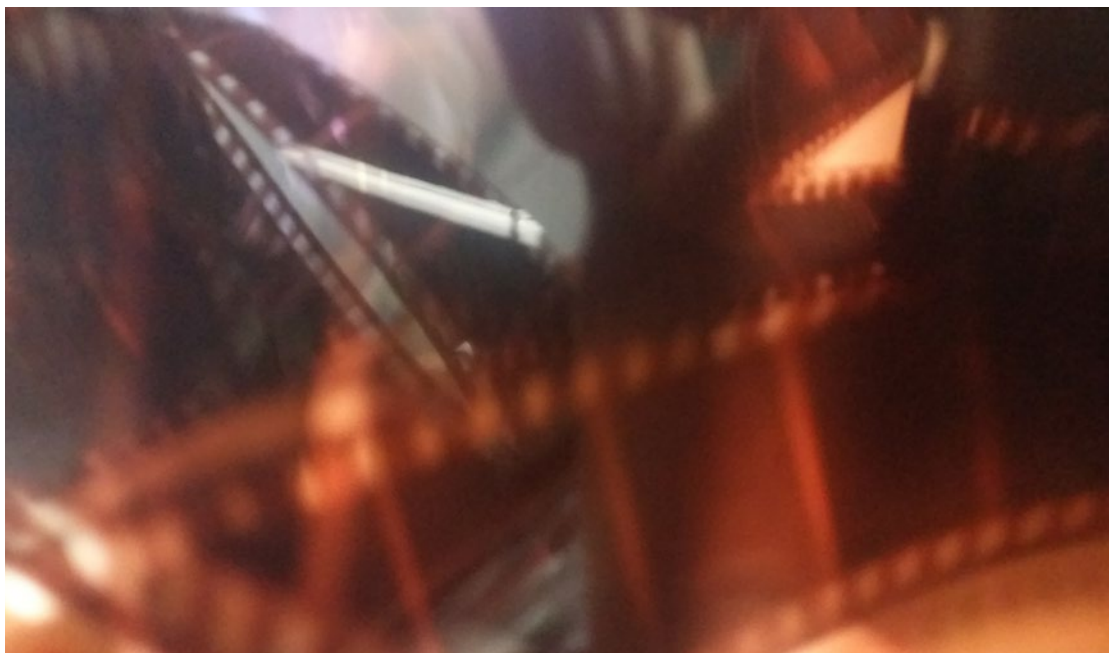








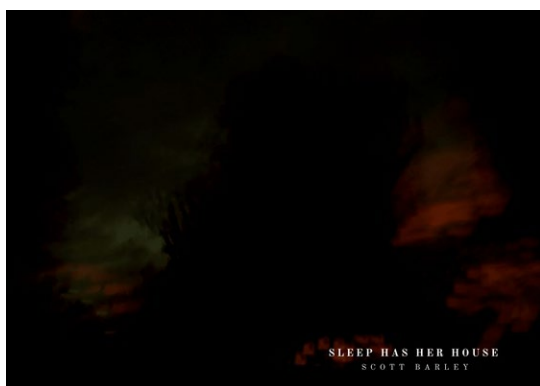








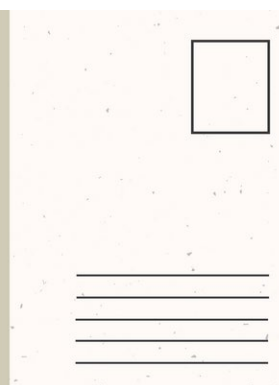
Floresta em imagens e sons. Um forte ruído desconexo, mas profundo, nos habita ao assistirmos. Cansado da vida material, do dia, dos jogos de ser. A floresta flutua, soberana, tranquiliza acompanhá-la e se faz vital sua presença. Quisera eu ser aquele botão, ou a pedra, quem sabe a casca. Apenas existir sem significar. Em essência, o que somos? Parte. Parte do cosmos, parte da natureza, parte da totalidade sem hierarquia. Somos, apenas. O repouso da floresta, sua magnitude é o que nos contém. E, por ela, somos contidos.

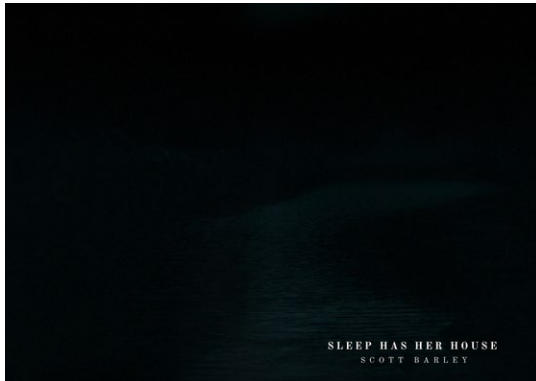


Na fenda do tempo, escorrem as forças. Criam tramas, reverberam silêncios selvagens. Continuamente ... as composições cósmicas. Água, pedra e semente, num intenso agora.

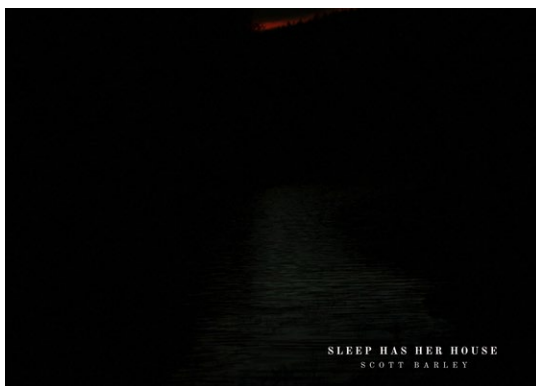
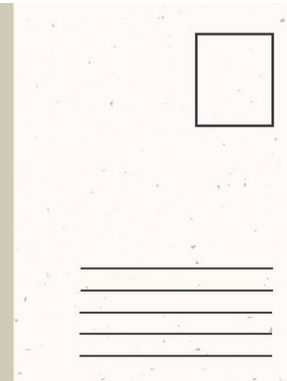


Estando aberto para o caos no som da tempestade, numa tempestade de pensamentos onde habitam as sementes, estão as composições de memórias dos ventos. Na penumbra do tempo, vê-se o magnetismo que traz a sua completude sem duração.

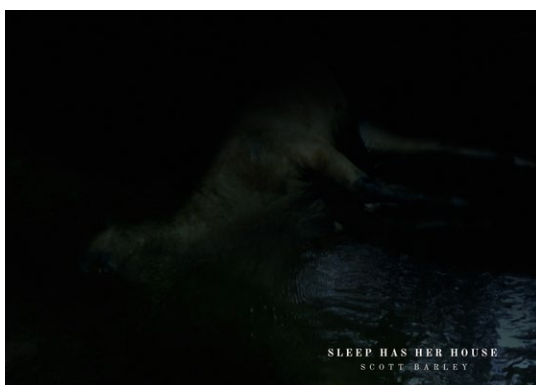




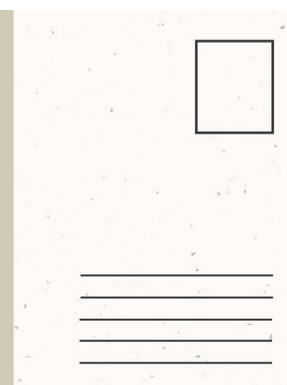
Sem aparecer o humano, lá está ele. Inquieto, caótico, elétrico. Um corpo pleno de água, silêncio e sono. O riacho está no olho do cavalo. É inundado pela tempestade que virá. Iluminado pelos pequenos pontos de luzes que surgem na penumbra. Aquietado pela leveza e forte pela inquietação. O corpo é carregado por água, levado a vapor. A fumaça perpassa a lua, o chão, as rochas, os galhos. Só se vê se há luz. Mas se sente na pele e se escuta. Quando o silêncio se transforma em ausência de palavras.

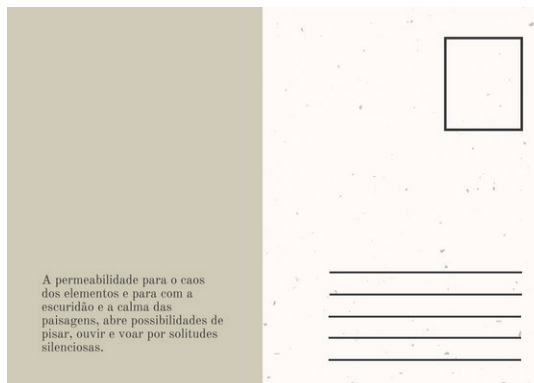
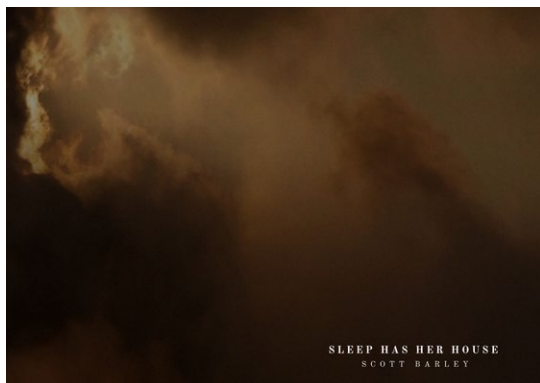


O canto dos pássaros pode ser uma música em meio ao caos do ir e vir e no bater das asas. Mas entender nem sempre é estabelecer uma ordem entre as coisas, também pode ser enxergar um sentido em coisas independentes entre si e muito diferentes. Os pensamentos não são lineares porque no caos está sua semente. O silêncio no caos pode levar a universo de sons, onde o futuro faz sentido.

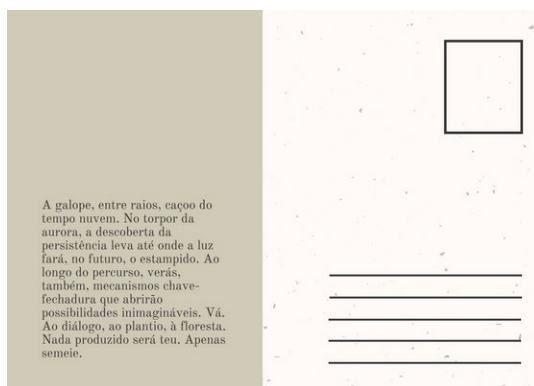
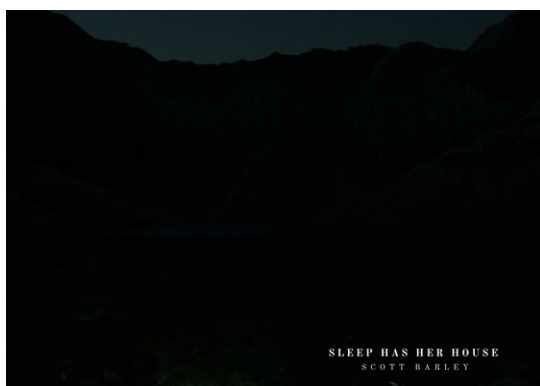


Silêncio que parte como o vento à procura de silêncios outros. Solitudes que se espalham na paisagem, que percorrem areias, que habitam a beira do mundo. Reflexos de um tempo que já foi e ainda será. Vida.

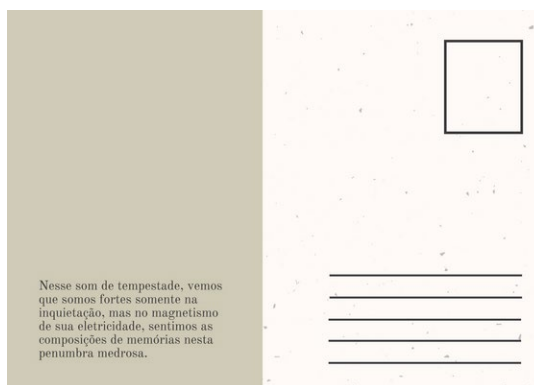
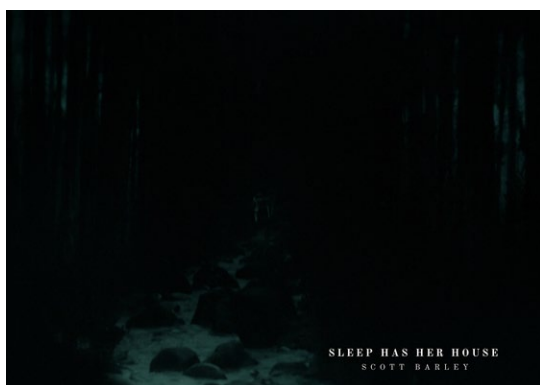




A permeabilidade para o caos dos elementos e para com a escuridão e a calma das paisagens, abre possibilidades de pisar, ouvir e voar por solitudes silenciosas.



A galope, entre raios, caço do tempo nuvem. No torpor da aurora, a descoberta da persistência leva até onde a luz fará, no futuro, o estampido. Ao longo do percurso, verás, também, mecanismos chave-fechadura que abrirão possibilidades inimagináveis. Vá. Ao diálogo, ao plantio, à floresta. Nada produzido será teu. Apenas semeie.



Nesse som de tempestade, vemos que somos fortes somente na inquietação, mas no magnetismo de sua eletricidade, sentimos as composições de memórias nesta penumbra medrosa.